

A SEXUALIDADE NA INFÂNCIA: MEMÓRIAS DE MULHERES JOVENS SOBRE O BRINCAR DE SAFADEZA

Tacinara Nogueira de Queiroz (Mestranda em Psicologia pela universidade Federal de Pernambuco)

Luís Felipe Rios (Professor Dr. Adjunto IV da Universidade Federal de Pernambuco)

Esse estudo se propõe compreender a vivência da sexualidade na infância, através do relato da trajetória de vida sexual de mulheres jovens de classe popular do Recife. Partimos de um marco teórico que entende a sexualidade como construção social e de um aporte metodológico de base etnográfica, viabilizado por observação participante e entrevistas biográficas com seis mulheres entre 16 e 24 anos.

Aqui, entendemos a subjetivação como um processo que se faz nas interações sociais. Nesse bojo, buscamos pensar tanto o caráter prescritivo das normas e valores, quanto o poder de agência do sujeito individual. Assim, pensando em uma cultura específica, é através do discurso que a realidade dos indivíduos inscreve-se como identidade e subjetividade.

Imerso nesse processo de subjetivação, imbrincado a aprendizagem e socialização da sexualidade na infância, as jovens relatam desde conversas e brincadeiras eróticas entre amigas e amigos na vizinhança. Outros parceiros nas brincadeiras infantis são os primos, se configurando como importantes fontes de informação e experientiação. Além de trazerem para a cena da aprendizagem sexual, a escola.

Brincadeiras como “brincar de casinha”, “restaurante” e “pega-esconder” aparecem quase sempre recheadas de eroticidade, as quais vão educando meninos e meninas para as vivências da sexualidade. É apontado ainda o esforço para realizá-las longe dos olhares dos mais velhos, sempre prontos a corrigir com pancada os comportamentos desviantes; e, por outro lado, sinaliza que a recorrente negação dos sujeitos sobre as coisas do sexo na infância é aprendida, também, “na base de pisa”.

As entrevistas apontam para uma mobilidade que tenta colocar em vigor a agência individual, a construção de um processo de individuação que é complexo e

contraditório, pois, está sujeito a marcadores (família, educação, religião, amizade), regras e aos valores que farão com que nem sempre suas atitudes respeitem sua vontade. Logo, essa tentativa de elevar a agência individual, é um caminho árduo de gestão sobre instituições sociais.

Por fim, pudemos refletir analiticamente ao modo como a moral sexual se atrela a estilos de vida, no governo da sexualidade das jovens através de suas vivências na infância, da necessidade de pensarmos as possíveis vulnerabilidades como de doenças sexualmente transmissíveis, bem como da gravidez indesejada, posto pelas jovens implicado ao processo de subjetivação. As jovens enfatizam não usarem camisinha ou anticoncepcionais, por não poderem ter tais insumos entre os seus pertences devido ao receio de serem descoberta como praticantes da sexualidade, algo que se agencia desde a infância. Algo que acaba acontecendo as escondidas dos olhares mais adultocêntricos e em limites territoriais mais distantes da comunidade com o galgar dos anos. Não obstante, os relatos das meninas demonstram que elas conseguem driblar a norma opressora, ainda que com o medo sempre presente.

Palavras chaves: Sexualidade; Infância; Mulheres jovens.